

**QUEBRADEIRA DE COCO E DOUTORA? SIM, SENHORA!
O DEVIR DE UMA PROFESSORA PARA O ENSINO DE
MATEMÁTICA**

**COCONUT BREAKER AND DOCTOR? YES MA'AM!
THE BECOMING OF A TEACHER FOR TEACHING
MATHEMATICS**

**¿QUEBRADORA DE COCO Y DOCTORA? ¡SI SEÑORA!
EL DEVENIR DE UNA PROFESORA PARA LA ENSEÑANZA DE
MATEMÁTICAS**

Kelly Almeida de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9397-3607>

Maria do Carmo Alves da Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7928-1284>

Sebastião Rodrigues Moura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4254-6960>

Idemar Vizolli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7341-7099>

Resumo: Nesta investigação, foram tecidas compreensões sobre a história de vida de uma Quebradeira de coco em formação doutoral para o ensino de Matemática. As memórias da Profa. Maria, autora e colaboradora da pesquisa, foram narradas no memorial reflexivo para ingresso em um programa doutoral, em uma carta redigida por ela aos seus professores de Educação Básica, e em uma entrevista realizada por aplicativo de mensagens – *corpus* da pesquisa. O material empírico, composto por estes textos, foi interpretado, tendo como referência teórica as contribuições de Bergson, Merleau-Ponty e Spinoza, sob o viés da Análise Textual Discursiva na perspectiva de Moraes e Galiazzi e o Círculo Hermenêutico de Ricoeur, nas quais foram identificadas três fluxos para interpretação. Os resultados revelam os desejos de viver, os modos de compartilhar suas experiências e as possibilidades de esperar de pessoas Quebradeiras de coco que fazem outras escolhas profissionais.

Palavras-chave: *Pesquisiformação*. Narrativas (Auto)biográficas. Formação de Professores. História de vida.

Abstract: In this investigation, were woven understandings about the life story of a Coconut breaker in doctoral training for the teaching of Mathematics. Teacher Maria's memories, author and collaborator of the research, were narrated in the reflective memorial for admission to a doctoral program, in a letter she wrote to her Basic Education teachers and in a narrative interview carried out using a messaging application - research corpus. The empirical material composed of these field texts was interpreted having as theoretical reference the contributions of Bergson, Merleau-Ponty and Spinoza under the perspective of Discursive Textual Analysis from Moraes and Galiazzi and Ricoeur's Hermeneutic Circle, in which were identified three flows for interpretation. The results reveal the desires to live, the ways of sharing their experiences and the possibilities of hope of Coconut breakers who make other professional choices.

Keywords: Research training. (Auto)biographical narratives. Teacher training. Life history.

Resumen: En esta investigación, fueron tejidos entendimientos sobre la historia de vida de una Quebradora de coco en su formación doctoral para la enseñanza de Matemáticas. Los recuerdos de la profesora María, autora y colaboradora de la investigación, fueron narrados en el memorial reflexivo de admisión a un programa de doctorado, en una carta que escribió a sus profesores de Educación Básica y en una entrevista narrativa realizada a través de una aplicación de mensajens - corpus de la investigación. El material empírico compuesto por estos textos de campo se interpretó teniendo como referencia teórica las aportaciones de Bergson, Merleau-Ponty y Spinoza bajo la perspectiva del Análisis Textual Discursivo a partir de Moraes y Galiazzi y el Círculo Hermenéutico de Ricoeur, en el que fueron identificados tres flujos para interpretación. Los resultados revelan las ganas de vivir, las formas de compartir sus vivencias y las posibilidades de esperanza de personas Quebradoras de coco que toman otras decisiones profesionales.

Palabras-clave: Investigación-Formación. Narrativas (auto)biográficas. Formación de profesores. Historia de vida.

1 INTRODUÇÃO: PALAVRA, MEMÓRIA E VIDA, INICIANDO UM DIÁLOGO

As palavras se sujam de nós na viagem.

Manoel de Barros

As histórias de vida de professoras/es têm se tornado um importante referencial para as pesquisas em educação, para a compreensão dos sentidos da docência e para a formação desses profissionais. É ouvindo e contando histórias de vida que conhecemos e compreendemos o ser, o pensar e o agir docente. Como ato humano que é, contar histórias importa, porque “[...] todas as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (ADICHIE, 2019, p.32).

As memórias expressas em histórias de vida constituem narrativas que revelam motivações, valores, escolhas, desafios superados, dores e prazeres de um corpo em movimento no ir e vir do tempo-espço. As memórias de professoras/es representam, assim, a possibilidade de compreensão dos sentidos atribuídos à docência, à pesquisa e à formação, porque, enquanto virtualidade do corpo, componente da consciência e da percepção, são elas que intercalam o passado no presente (BERGSON, 1991).

Por muito tempo, em nosso país, as pessoas Quebradeiras de coco¹ foram alijadas do direito à educação e, com isso, foram impossibilitadas de conhecer, conviver e compartilhar suas histórias, por não serem considerados sujeitos epistêmicos, devido os marcadores de classe, raça e gênero imputados pelo processo colonizador. Contudo, a transcendência de seus saberes originários encarnada de ancestralidade conduziu mulheres sábias da tradição oral ao campo da educação escolarizada. Impulsionadas por muitos e diversos “desejos de viver”, elas almejavam novas e outras escolhas profissionais que lhes permitiram continuarem compartilhando o que são, o que sabem, pensam e como vivem.

Nessa perspectiva, o pensar e o agir docente são devires do ser que só pode ser compreendido em sua diferença, imanência e existência única. Por isso, cada história de vida é beleza e riqueza para os estudos em educação. As memórias virtualizadas e corporificadas em relatos, “[...] abarcam a totalidade da vida em todos os seus registros, nas dimensões passadas, presentes e futuras e, portanto, em sua dinâmica global” (JOSSO, 1999, p. 19). Elas compõem uma narrativa que visa “[...] desaprender as versões da história do olhar único do colonizador que vislumbra a terra bruta a ser civilizada, para passar a narrá-la do ponto de vista dos povos e dos grupos colonizados e subalternizados” (GIRALDO; FERNANDES, 2019, p. 470). É com esse propósito que apresentamos as narrativas da Profa. Maria, como um modo de conhecer a vida e aprender com ela (RICOEUR, 1994).

A Profa. Maria é Quebradeira de coco, Pedagoga, formadora de professoras/es e doutora em Educação em Ciências e Matemática. Leciona no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Dom Delgado em São Luís/MA, atua, mais especificamente no Estágio Supervisionado e em disciplinas de Práticas Pedagógicas, como Fundamentos e Metodologias para o ensino de Matemática. É, também, uma das autoras do texto.

Ao nos encontrarmos com as memórias da colaboradora da pesquisa, realizamos o seguinte questionamento *o que revelam as memórias de experiências vividas/expressas por uma Quebradeira de coco em formação doutoral para o ensino de Matemática?* Ela nos proporcionou delinear como objetivo *compreender o que revelam as memórias de experiências vividas por uma Quebradeira de coco em formação doutoral para o ensino de Matemática.*

Apoiados nos estudos de Bergson (1991), Merleau-Ponty (2006) e Spinoza (2009), compomos o referencial teórico sob o enfoque fenomenológico que acreditamos ser oportuno para dar a conhecer o que pode um ser no devir da diferença, sem atencipá-lo com pré-conceitos que antecedem a realidade do vivido e para a compreensão do ser na sua existência, na experiência do mundo. Observamos no modo como a Profa. Maria lembra de suas histórias e como as (re)conta, a forma como recompõe cenários e imagens do passado, e como reconfigura o que interessa a ela dar a conhecer sobre suas vivências. Suas memórias e

1 Utilizamos o termo “Quebradeiras” com letra maiúscula devido ao posicionamento político e epistemológico das/os autoras/es de afirmação da vida de pessoas historicamente excluídas e socialmente invisibilizadas.

narrativas são formas culturais impregnadas de sentidos que movimentam sua existência e o seu ser para a docência, para a pesquisa e para a formação de professoras/es.

Assim, as memórias narradas pela Profa. Maria revelam os desejos de viver, os modos de compartilhar e as possibilidades de esperar que, há muito, foram vilipendiadas, usurpadas e subjugadas por um modo de fazer ciência que silenciou a palavra, a memória e a vida daquelas/es consideradas/os ontológica e epistemologicamente inferiores.

2 PESQUISA FORMAÇÃO (AUTO) BIOGRÁFICA COMO LIMAR *TEÓRICO METODOLÓGICO*²

Ao redigirmos este texto, deparamo-nos com a experiência narrativa, pela qual o desafio estava posto: como narrar experiências e histórias de vida que são do outro? Como lê-las e interpretá-las? Se considerarmos que a “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21), podemos acolher, na alteridade, o que uma pessoa pode falar de si e do que viveu, uma vez que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOUER, 1994, p. 85).

No modo qualitativo de pesquisar, tempo e narrativa podem ser articulados nos entre-lugares das abordagens teórico-metodológicas, no seu transbordamento e inacabamento constituinte. Desse modo, assumimos, neste estudo, a *pesquisa formação*, em que “[...] a formação se produz em partilha, em movimento” (BRAGANÇA, 2018, p.68). Aquele/a que narra sua vida acessando suas memórias, não está sozinho e inerte no tempo e no espaço. A consciência de estar em movimento e com outras pessoas expande a “expressão da poiésis vital” (BRAGANÇA, 2018, p. 69), ou seja, a sua potência de criação na invenção de si e da própria vida. No encontro e no diálogo, entre palavras e escuta, na *relação com*, a experiência narrativa mobiliza processos reflexivos sobre o vivido.

O ato de narrar-se reflexivamente é um fenômeno que extravasa a linearidade sequencial do tempo cronológico. Ao ser utilizada como metodologia de investigação, as narrativas (auto) biográficas permitem ir além da obtenção de dados e análise de informações na medida em que nos proporcionam a aquisição de novos significados. Compreendidas como processo, possibilitam-nos experimentar no momento narrativo a aprendizagem, o autoconhecimento e a (res)significação do vivido, ultrapassando a visualização do mundo como estrutura e representação, mas compreendendo-as como experiência e significação (ABRAHÃO, 2011).

Buscamos, desse modo, uma autoria plural, a fim de descentralizar a escrita. Trata-se, assim, de uma postura política e epistemológica que assumimos. Entendemos que ao

2 Utilizamos “*Pesquisa formação*” e “*Teóricometodológico*” unidos e em itálico e (auto) biográfico com parênteses porque se refere a um posicionamento político e epistemológico que adotamos de acordo com Bragança (2018).

ler suas narrativas memorialísticas, nos encontramos com ela para *compartilhar* uma narrativa do tempo vivido sobre a experiência de um corpo no mundo. Abdicamos, assim, de pré-julgamentos, pré-noções e pré-conceitos para reorientar nosso sentir, tendo como horizonte as percepções que são despertadas conforme o enfoque fenomenológico que adotamos. Sem a pretensão de fornecer verdades imutáveis, desvencilhamo-nos da rigidez de posições rigorosamente definidas para romper com os limites de uma simples história, passando a compreendê-la como palavra, memória e vida para professoras/es em formação.

As experiências (re)vividas e (re)contadas em seu memorial descritivo para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação em ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da REAMEC da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) podem ser entendidas como um memorial acadêmico porque a sua principal característica é ser “[...] escrito por professores e/ou pesquisadores do ensino superior sob a forma de uma narrativa reflexiva sobre sua trajetória intelectual e profissional” (PASSEGI, 2010, p.21). Assim, o memorial redigido pela professora possui uma especificidade epistêmica, pedagógica e política quando se refere a um movimento de *vivernarrarpesquisarformar* (BRAGANÇA, 2018) para *ensinaraprender*.

Recorremos, também, a uma carta escrita por ela aos seus professores de Educação Básica e uma entrevista narrativa por meio de um aplicativo de mensagens para obtenção de esclarecimentos a respeito de aspectos biográficos expressos no memorial. O compartilhar das informações aconteceu de forma colaborativa, integrativa e dialogada (CLANDININ; CONNELLY, 2015), a fim de engendrar conexões entre o vivido e o narrado, desvelando sentidos e significados para a pesquisa, o ensino e formação de professoras/es.

A relação entre a palavra e a experiência vivida não é biunívoca, de forma que aquilo que foi comunicado no memorial descritivo solicita uma hermenêutica, ou seja, requer uma interpretação dos significados. Por isso, articulamos o Círculo Hermenêutico de Ricoeur (1994) à Análise Textual Discursiva na perspectiva de Moraes e Galiuzzi (2011) para construir uma interpretação hermenêutica das unidades de sentido expressas nas memórias narradas pela Profa. Maria. Ambos nos permitiram acessar as memórias da professora, compreender sua história de vida e tecer interpretações para com nosso objeto de estudo. As experiências vividas e compartilhadas narrativamente, integrando o processo de escolarização, docência e formação para a pesquisa acadêmica, nos outorgaram “[...] narrar a vida e a profissão docente polifonicamente” (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p.1). Pelo exposto, podemos declarar que a professora é autora de suas narrativas e leitora do texto figurado, configurado e reconfigurado por ela, participando, assim, da tríplice *mimese* de Ricoeur (1994).

Esse esforço epistêmico requereu nossa atenção e cuidado ao ler reiteradamente o memorial, a fim de deixarmos entranhar em nosso corpo as marcas de sentidos impressas pelas memórias da professora. Das nossas percepções, nesse exercício, emergiram algumas palavras/expressões que destacamos: *quebrar coco, desejos de viver, semiótica*

do compartilhar, racismo, ódio a si, educadora social, esperar. Ao unitarizar os textos narrados e categorizá-los, essas palavras nos tocaram de tal forma que converteram-se em unidades de sentido. Assim, de cada fragmento de narrativa, as unidades de sentido evidenciadas proporcionaram compor a discussão em três fluxos de interpretação, consideradas por nós como eixos analíticos do estudo, organizadas na seção seguinte.

3 DESEJAR, COMPARTILHAR E ESPERANÇAR: OS MOVIMENTOS DE DEVIR

Nesta seção apresentamos as: i) *Percepções do quebrar coco, memórias, corpo e “desejos de viver”*; as ii) *Marcas no ser para docência: o “compartilhar” educação no cuidado para com o outro*; e, iii) *O “esperançar” na formação, pesquisa e docência para o ensino de Matemática* que passamos a descrever e interpretar em diálogo com a literatura concernente.

3.1 PERCEPÇÕES DO QUEBRAR COCO, MEMÓRIAS, CORPO E “DESEJOS DE VIVER”

A professora Maria é natural de Benedito Leite, município maranhense localizado no extremo leste do estado, na divisa com Uruçuí, no Piauí. O município recebe esse nome em homenagem a Benedito Pereira Leite (1857-1909), magistrado, jornalista e político maranhense, que atuou como deputado, senador e governador do estado. Entre as instituições que também recebem seu nome, podemos citar a Biblioteca Pública Benedito Leite, criada em 1829 e a centenária Escola Modelo Benedito Leite, fundada em 1900, ambas na capital do estado. Dentre outros feitos, Benedito Leite marcou a história maranhense quando durante grave crise econômica enfrentada pelo estado na sua gestão como governador (1906-1908), se recusou a extinguir a Escola Normalista e a Escola Modelo, afirmando que preferia cortar sua mão³. Por isso, além de um município, praças, ruas e escolas também receberam esse topônimo em vários municípios maranhenses.

O município de Bendito Leite foi criado em 1919, extinto em 1931 e anexado ao município de Nova Iorque, tendo alcançado sua emancipação política em 1935. Com população estimada em 5.638 habitantes em 2020⁴, o município está localizado na Mesorregião Sul do Estado, inserido na Microrregião das Chapadas das Mangabeiras, com as águas do Rio Parnaíba na divisa leste. Dista a 522,25 km da capital. A vegetação predominante é o cerrado, com a presença de florestas ciliares e buritizal nos vales dos rios e igarapés (CORREIA FILHO, 2011; CNM, 2000).

3 Disponível em <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=259603>. Acesso em 5 de agosto de 2021.

4 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/benedito-leite.html>. Acesso em 30 de julho de 2021.

Além da sede, o município é composto por várias comunidades rurais que praticam o extrativismo vegetal do coco babaçu, entre elas está a Comunidade Engano, há 20 km da zona urbana. Sobre seu nascimento e infância nesta comunidade, a professora expressa que:

não foi por engano que vim ao mundo, eu nasci para contrariar o suposto engano imposto à população negra. No dia 31 de dezembro, às 10h da manhã pelas mãos da mãe Ângela (na nossa região, as parteiras são chamadas de mãe), e sob olhar da minha irmã, que abriu uma fresta na parede feita de palha de côco babaçu. Meus pais eram agregados naquela terra pertencente aos “ricos” da região, o termo “rico” é sinônimo de pessoas brancas. O povoado tinha apenas três famílias e moravam um pouco distante, nós usávamos água de riachos, alguns mais próximos de casa, outros mais distantes. A água mais gostosa era do poço doce, o riacho onde ele fica era bem distante da nossa casa, lá pegávamos água para encher os potes para beber, os riachos próximos era para lavar e cozinhar. Nossas tarefas diárias eram: buscar água no riacho para lavar as louças, inclui ariar os copos de alumínio até ficarem quase um espelho de tão brilhoso, varrer os terreiros- imensidão de terras em frente da casa e atrás , precisa está brilhando sempre, pois o lema de mamãe é “ não é defeito ser pobre, defeito ser sebooso e preguiçoso”. Entenda sebooso como alguém que tem poucos cuidados com a higiene doméstica. Então das 6h até umas 8h tínhamos que organizar estas atividades, na safra da manga, tínhamos que ir buscar manga no mangal-extensa mata nativa de diversos, incontáveis espécies de manga. [Carta].

A figura 1 apresenta os locais de memória referentes ao nascimento da professora.

Figura 1 – Locais de memória da Profa. Maria



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Legenda: a) Ruínas da casa onde Maria nasceu; b) Riacho no período de estiagem.

Maria narra as memórias de sua infância, com as atividades domésticas e os ensinamentos da mãe em relação ao asseio doméstico. O que chama a atenção é que a mãe de Maria cria um significado para a pobreza expresso na frase: “*não é defeito ser pobre*”, que desloca a diferença de classe para a falta de higiene e preguiça. Ao fazer isso, ela sinaliza

para a filha um lugar no mundo. Ainda sobre as memórias da infância, anteriores à escolarização, ela declara que:

era uma criança feliz, cheia de sonhos, entendia de matemática, de literatura, meu pai lia todas as noites romances para nós, eu sabia todos de Lampião, bem que vocês podem explorar estes saberes, eu sabia ciência porque eu sabia tirar azeite e ali é uma experiência científica. [Carta].

Ao se reportar às memórias da infância e juventude, Maria cita as orientações recebidas da mãe “[...] sempre feminista, ainda que apenas desenhe o nome, logo nunca leu Sojourner Truth tampouco Simone de Beauvoir [...] meses atrás numa conversa cotidiana, ela soltou ‘marido pode ser bom, mas dinheiro no bolso dele não nos serve’ [Carta]. Sobre a preocupação com a continuidade dos estudos e a relação afetiva com o pai, ela descreve “[...] sempre foi extremamente inteligente, sempre se preocupou com a educação dos oito filhos, mesmo em condições financeiras complicadas conseguiu comprar uma casinha na cidade para os filhos mais novos estudarem” [Carta]. No que tange às relações de gênero que atravessam as escolhas profissionais para alcançar a independência financeira, podemos observar no excerto a seguir:

Mas os meus pais sobretudo minha mãe sempre disse “estude para não depender de homem, seu melhor marido é seu emprego”. Até hoje ouço no meu subjetivo, ela caminhando da cozinha para sala dizendo isso. Porque meu pai é maravilhoso mas se preocupava com comida. Roupas, calçados era mamãe, quebrando coco. [Entrevista].

A afirmação “seu melhor marido é seu emprego” possui duas relações com a atividade de quebrar coco da mãe. Uma relação direta que se refere à complementação da renda familiar e a outra inversa, quando representa a possibilidade de mudar de vida. Interpretaremos cada uma dessas relações separadamente.

Quebrar coco é a atividade extrativista do coco babaçu, principal fonte de renda e subsistência para, aproximadamente, trezentas mil famílias em todo o Maranhão (NOVAES; ARAÚJO, 2016; CARRAZZA; ÁVILA; SILVA, 2012; IBGE, 2010). Nesse caso, essa atividade possui um caráter de complementação de renda. Percebemos também uma clara divisão do trabalho mediante o sexo. Ao pai, cabe o vital: a comida, o mais é responsabilidade da mãe⁵.

5 O babaçu é alimento para o corpo e para o espírito de inúmeras famílias de pessoas Quebradeiras de coco que ocupam esses territórios há várias gerações. É comum ouvirmos das pessoas “o babaçu me dá tudo”, “come o coco para enganar a fome”, “a palmeira é uma mãe para mim”. Assim, considerar os saberes e as práticas socioculturais de pessoas Quebradeiras de coco, em uma dimensão pluriversal, significa incorporar as matemáticas de outras culturas, de múltiplas experiências de ser no mundo, que estão em conexão com a vida e não se restringem a serem apenas uma preparação para ela.

Contudo, por estar atrelada ao marcador de classe social, essa atividade convive com a desvalorização, exploração de atravessadores e ameaças de extinção devido à expansão do agronegócio (NOVAES; ARAÚJO, 2016; CARRAZZA; ÁVILA; SILVA, 2012). Nesse caso, a independência financeira contrasta com a atividade de quebrar coco da mãe que acredita que o estudo representa a possibilidade de alcançar um emprego “*de verdade*”. Podemos, desse modo, entender que a Profa. Maria conheceu a face mais cruel da pobreza extrema em sua infância.

A ideia de quebrar coco está atrelada à ideia de mulher, de feminino. Basta olharmos como são dispostos os dados oficiais. Segundo o IBGE (2010), 60% das mulheres camponesas economicamente ativas que vivem em áreas rurais no Maranhão quebram coco. Contudo, não são apenas as mulheres que quebram coco.

Salientamos também que quebrar coco é um saber indígena, conforme primeira descrição feita por D’Abeville (2008), preservado e compartilhado nos primeiros agrupamentos entre indígenas e africanos nos mocambos e quilombos como estratégia de resistência e sobrevivência à colonização (ASSUNÇÃO, 1999). Com isso, os marcadores de gênero, etnia e classe social que atravessam a atividade de quebrar coco resultam em desvalorização política e epistêmica.

A Profa. Maria aprendeu a quebrar coco na Comunidade Engano, em Benedito Leite. Ela narra essa experiência da seguinte forma:

Compartilhados! A semiótica do compartilhar está na maneira: não existe aula para aprender a quebrar coco! A gente aprende. Ah, mas como aprende? Com minha mãe, vó, tia... fazendo, vendo... a mãe diz num dia “tem que torrar assim”, outra vez diz “faça assim”. É no compartilhar... [Entrevista].

A noção do compartilhar retratada faz parte da noção de ancestralidade presente nos ensinamentos da mãe para filha. Falar. Ouvir. Ver. Fazer. É na oralidade e na experiência do corpo que a aprendizagem acontece. Não há manuais. A didática é o exemplo. Saberes ancestrais compartilhados engendram uma outra forma de viver, pensar e sentir, que

[...] desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer com qualidade, no produzir conhecimento com/desde os sentidos. É sem começo e sem fim, é um movimento constante, e movimento é conhecimento, é vida, é uma ação de ancestralidade (MACHADO, 2014, p.17).

Modos de ser e de estar no mundo compartilhados na imanência inscrevem marcas de sentido na memÓria⁶, pois ela é “[...] aquilo que nos orienta, que recebe o antigo e ofe-

6 *Orí* é uma divindade iorubana que se aproxima do significado de cabeça, em português (PESSANHA, PAZ, SARAIVA, 2019), utilizada neste estudo com referência à memória ancestral das Quebradeiras de coco, devido a presença dessa etnia africana nos séculos XVIII e XIX no Maranhão (ASSUNÇÃO, 1999).

rece o novo, dentro de uma dinâmica de ruptura e criação” (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019, p. 114). Com isso, tomamos o conceito de memÓRIA da filosofia africana, mediado pela condição afro-diaspórica, para nos remeter a um devir da força-potência criadora de sentidos e significados em conexão com começo e fim, lembrar e esquecer, vida e morte (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019). Ontologicamente, significa afirmar a inexistência de divisão ou hierraquia entre passado, presente e futuro, atribuindo à memória aquilo que restou, resta ou restará deles. Com possibilidades de sentidos múltiplos, tornam-se, assim, um conceito-potência que ao se referenciar no passado engendra um devir. Ela expressa o que sente com suas memórias sobre quebrar coco.

Vejo aí resistências, resiliências, sofrimentos e desejos de viver [...] porque quebrar coco é sofrido demais. Só em lembrar eu choro, de verdade! É muito sofrido, a gente faz para sobreviver, mas bom não é. A gente faz por não ter opção, e até tem, só que são mais sofridas ainda... [Entrevista].

Quebrar coco não é algo do passado, esquecido, estímulo fugaz e instantâneo. Está marcado no corpo que sente dor quando lembra e que encontrou nos “desejos de viver” a força para a continuidade da existência. Quem o realiza pode ter um corpo organismo sofrido, mas com uma vida em potência (BERGSON, 1991). Por isso, tomamos o devir como operador conceitual da diferença para projetar vida além das marcas de dor e sofrimento. A vida não está condicionada ao organismo, mas a um grau de sua expressão e, desse ponto em diante, ela se torna criação (SPINOZA, 2009).

3.2 MARCAS NO SER PARA A DOCÊNCIA: O “COMPARTILHAR NO CUIDADO PARA COM O OUTRO”

A compreensão acerca do ser para a docência inclui as memórias sobre o processo de escolarização das/os professoras/es. A respeito da sua escolarização e as experiências vividas nesse período, a professora relata que:

Em 1992, mudamos para área urbana. Na cidade tive meu segundo contato com a escola, já tinha tido uma professora, ela morava numa localidade próxima a nossa de nome Barra da Macaúba, aos domingos quando íamos passear ela ensinava alguma coisa da escola, mas era distante para ir todos os dias. Na escola da cidade, eu já tinha 9 anos, mas não sabia nem pegar no lápis então fui para o primeiro ano fraco- alfabetização, o primeiro ano forte era a 1ª série. Eu era a maior da turma, a professora era uma alfabetizadora famosa na cidade pelos resultados dos seus alunos e pela rigidez. Finalizei o ensino médio em 2003, na Unidade Integrada Etelvina Coelho, depois Centro Cenecista de Bendito Leite, em seguida a Unidade Escolar Maria Pires Lima. [Carta].

No movimento de visitar o passado acerca de suas memórias escolares, ela expõe o sentimento de descontentamento por estar em uma turma considerada “atrasada”, reflexo da ausência de políticas educacionais para as populações que vivem no campo. Aos 9 anos de idade, a professora percebe-se como “a maior da turma”, ela se viu na diferença em relação aos colegas de turma e em relação as outras turmas, revelando a alfabetização tardia. Contudo, as dificuldades de aprendizagem escolar foram marcadas pela rigidez da alfabetizadora, pela qual declara: “O contato com esta instituição necessária e que nossas famílias acreditam não precisava ter sido dolorido e adoecedor” [Carta].

Assim, as marcas das diferenças presentes na escolarização da professora compõem sua memória mediante as percepções que teve na escola, uma vez que “[...] toda percepção é já memória. Nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo o inapreensível progresso do passado roendo o futuro” (BERGSON, 1991, p. 291).

As memórias de Maria também revelam situações de racismo que viveu, uma das principais marcas de sua infância e juventude, quando afirma.

De tudo que vivi eu quero falar especialmente sobre a principal violência: racismo! Alguns humildes conselhos: ensinem as pessoas que não devemos fazer o coque do cabelo das meninas negras de buzina, como faziam comigo no recreio da escola, nem chame os lábios de gamela, só passei aceitar meu cabelo e meus lábios em 2008, quando desfilei no bloco Afro Akomabu, em São Luís, quando cheguei aqui para estudar trazida pelos Missionários Combonianos do Coração de Jesus, fui acolhida na casa de uma leiga missionária, ela era uma preta retinta, me ensinou a amar as cores vivas, a me amar, a me aceitar, me apresentou o Centro de Cultura Negra do Maranhão, lá eu conheci negros médicos, dentistas, professores da universidade, ela me apresentava eles, depois quando eles de distanciavam ela sussurrava no meu ouvido “você também pode ser” eu pensava “ela é doida”, era tudo tão distante, tão inatingível na minha cabeça, e pensar que vocês professoras e comunidade escolar poderiam ter ao menos ensinado a não me odiar, teria sido um passo, eu passei a adolescência inteira e parte da juventude sem me amar, com baixa ou nenhuma estima por mim mesma, meu sonho era ter dinheiro e eliminar meus lábios, no primeiro dinheiro que peguei alisei o cabelo, eu odiava a minha cor. [Carta].

Quando reivindica “poderiam ter ao menos ensinado a não me odiar”, a professora denuncia sobre como o ódio a si é ensinado nas escolas e como pessoas negras recebem essas narrativas. As percepções do próprio corpo, da cor da pele, cabelos e lábios revelam o ódio a si aprendido na escola. Identificamos nesse fragmento da professora o duplo fenômeno do racismo/sexismo a que estão submetidas as mulheres negras. O discurso de ódio à pessoa negra é internalizado como violência ao próprio corpo e existência. Esses são reflexos do apagamento e subalternização impostos pelo genocídio colonizador, em uma sociedade do controle, da regulação e da normalização dos corpos e da vida das pessoas.

Ao oralizar sua experiência, a Profa. Maria dá sentido a quem é e ao que aconteceu com ela em sua trajetória de vida. O mais importante, porém, é como ela se colocou diante de si, do mundo e dos outros. O modo como agiu em relação a isso foi o que afirmou os saberes de sua experiência para a docência. Não se trata aqui de encontrar uma verdade sobre as coisas que viveu, mas o sentido do que aconteceu (BONDÍA, 2002). Embora tendo uma vida de servidão e afecções tristes (SPINOZA, 2009), ela é mais que um organismo (BERGSON, 1991), é ser de potência para a docência.

A constituição docente da Profa. Maria reflete suas escolhas profissionais, pelas quais sente satisfação pessoal em realizá-las. A respeito das experiências com a docência, ela conta que “[...] iniciou no ano de 2003 quando terminei o ensino médio passei a dar aula de forma voluntária para algumas crianças vizinhas minhas em Benedito Leite - MA que necessitavam na época de reforço escolar” (CRUZ, 2018, p. 5). A iniciativa da professora é louvável, uma vez que a taxa de analfabetismo no município atinge 25% da população que possui acima de 7 anos (CORREIA FILHO, 2011).

A escolha do Curso de Pedagogia se deu por condições econômicas e por orientação de um amigo padre que a aconselhou, como ela relata:

Eu queria Direito mas a bolsa que ganhei era de R\$ 700,00, então eu não tinha ninguém em SL (São Luís). Não era possível pagar faculdade, manter passagens, contribuir nas despesas de casa com este valor. Eles fizeram uma pesquisa e o que dava era Pedagogia. Ele disse ‘não é possível Direito, só Pedagogia’, eu respondi: “sempre sonhei ser professora”. Era a chance da minha vida. [Entrevista].

Escolher uma profissão não é algo simples, especialmente quando ela depende da condição financeira. Os jovens enfrentam o desafio de sair de casa para alcançar “[...] satisfação pessoal além de visualização profissional, construída com apoio da família, de amigos para atingir outras dimensões do mundo social”. Algumas pessoas não tem essa oportunidade nos espaços de vida e precisam se aventurar em grandes cidades para conseguirem uma formação a nível superior. Algo que se tornou possível para a Profa. Maria, mediante o apoio financeiro que recebeu e que se tornou “[...] o primeiro degrau rumo a conquista de um sonho”. A oportunidade não foi desperdiçada. A bolsa recebida financiou os estudos e a estada em São Luís/MA, pela qual ela declara: “Sempre gostei do ato de ensinar e com o apoio incondicional de um amigo, tenho certeza que fiz a escolha correta” [Memorial].

Um fato que nos chama a atenção é que o pensar e o agir profissional de Maria têm base em princípios éticos. A ética está para o bem do outro. Para quem visa o dinheiro, a educação é o meio, não o fim. Do ponto de vista aristotélico, isso não é ser ético. Pois “Se queremos praticar os valores, acreditar neles é um bom começo. Mas acreditar neles depende de uma coisa, inclusive de uma disposição dos afetos” (RIBEIRO, 2008, p. 168). Ao agirmos eticamente visando o bem do outro, sem esperar recompensa, contribuimos para

que a sociedade melhore. Contudo, isso depende de uma disposição interna de cada um. São atitudes e comportamentos que perpassam todas as áreas da vida. Foi precisamente a dimensão ética (cuidado para com o outro) que engendrou sua personalidade, caráter, sensibilidade, ou seja, “[...] uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (BONDÍA, 2002, p. 27). É o que podemos verificar em suas experiências como educadora social. Uma ética que se transmuta num compromisso político, revelada pela seguinte declaração:

continuei como voluntária, agora na Pastoral do Menor da Área Itaqui-Bacanga alfabetizando crianças entre nove e onze anos, além de semanalmente discutir nas chamadas “rodas de conversa” os temas transversais com todos os atendidos de sete a dezoito anos, divididos em grupos por faixa etária [Memorial].

Mesmo recebendo a bolsa, a Profa. Maria continuou como educadora voluntária na Pastoral do Menor com o objetivo de alfabetizar crianças e jovens carentes. Seu engajamento social com a educação continuou na Casa de Passagem de São Luís/MA de 2009 a 2011, por meio de contrato com a Fundação da Criança e do Adolescente FUNAC/MA,

que atende crianças de zero a doze anos abandonadas e/ou violentadas pela família, passei a ter dupla jornada como alfabetizadora, dada a necessidade das crianças que lá por normas da instituição eram impedidas de frequentar a escola. Neste mesmo período comecei a ter contato com Universidade Federal do Maranhão [...], com as formações para os professores de escolas comunitárias da Vila Embratel, realizado no Núcleo de Extensão da UFMA, desde de então a cada fim de semestre uma nova turma de formandos sobre orientação [...], oferecia as relevantes informações e instigava a troca de experiências além de motivar para uma melhor prática docente. Na metade do ano de 2009, mais precisamente setembro, fui contratada pelo Grupo de Apoio às Comunidades Carentes do Maranhão GACC-MA, como Educadora Social, projeto Picadeiro da Cidadania, para atuar numa brinquedoteca na Vila Embratel, continuei a por em prática a aprendizagem adquirida na Faculdade, nas formações no NEVE, mas principalmente com os desafios apresentados a mim diariamente, que impulsionava a pesquisa [Memorial].

No dia 4 de novembro de 2011, a Professora Maria colou grau e passou a exercer a função de Coordenadora Pedagógica entre os anos de 2012 a 2014 do projeto (CRUZ, 2018).

Além da ética, outra marca no ser para a docência da professora é a espiritualidade comboniana⁷ que influenciou decisivamente suas escolhas profissionais. É o que podemos verificar quando afirma:

⁷ Os Missionários Combonianos do Coração de Jesus são um instituto de vida consagrada da Igreja Católica fundado por São Daniel Comboni que tem como identidade espiritual a missão e o Coração de Jesus no amor-ágape aos africanos, pobres e últimos da sociedade. Disponível em <https://combonianos.org.br/espiritualidade-comboniana/>. Acesso em 13 de agosto de 2021.

O que sou devo aos Missionários Comobonianos e à Igreja Católica. Nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na catequese e romarias, Pastoral da Juventude (PJ), Pastoral do Menor (PAMEN) e Centro da Juventude para a Paz (CEJUPAZ) – ações da Igreja Católica para acolher crianças em situação de vulnerabilidade social, aprendi muito do que sou como docente [Entrevista].

Os bons encontros da Profa. Maria com os missionários potencializaram a dimensão ética para a docência, que podemos observar em sua declaração:

Foi uma busca incessante pela resposta que poderia fazer as crianças participantes do projeto ter uma aprendizagem significativa e diferenciada, pois, para um público entre sete e dez anos estas experiências é o que alimentará as lembranças de sua infância, além de consubstanciar a sua identidade [Memorial].

Memória, infância e identidade são temáticas que se entrelaçam no ser, pensar e agir da professora, pelas quais podemos compreender que ao falar da formação das crianças, ela está falando dela mesma. O que nos leva a concordar com Abrahão (2011, p.166) sobre o fato de que é necessário “[...] experienciar o momento da narrativa reflexionada também como um componente formativo essencial”. Por encontrar-se na condição de sujeito da narração, consciente de sua importância, a professora também se encontra em um momento formativo. Seu compromisso político com a educação de crianças e adolescentes carentes, desse modo, se tornou decisivo para a escolha do objeto de pesquisa no mestrado. Sobre isso, a Profa. Maria relata:

A cada novo período à medida que aprofundava os estudos de cada componente curricular chegava cada vez mais próxima dos anseios que me levaram a escolher as histórias de vida das mulheres catadoras de material reciclável no Maranhão, isto porque naquele momento era educadora social dos filhos de muitas delas, este seu trabalho com tamanha importância, mas marcado pela invisibilidade social [Memorial].

A interlocução com o passado ecoa no ser docente do presente no que concerne à pesquisa e à formação. As vivências como educadora social chegaram às dimensões de pesquisa com o mestrado e ampliaram as perspectivas de (auto)formação da Profa. Maria, de projetar e encontrar-se na docência. Assim, as marcas na docência de Maria incidem no compartilhar, na ética e na espiritualidade comboniana.

O que poderíamos dizer, então, sobre o que é um ser para a docência? Não é destino ou missão. Visto desde os aspectos ontológicos, o “compartilhar” se dá na imanência de um corpo que afeta outros corpos na proporção de suas potencialidades. Assim, o ser da docência não é apenas escolher uma profissão que garantirá o atendimento de necessidades para a existência, mas um modo de viver gestado no cuidado para com a educação do outro.

3.3 O “ESPERANÇAR” NA FORMAÇÃO, PESQUISA E DOCÊNCIA PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Como professora do Programa Darcy Ribeiro da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), a Profa. Maria atuou nas Licenciaturas de Biologia, Química, Física, Matemática, História e Letras. Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus São Bernardo, ela atuou no curso de Licenciatura em Ciências Naturais/Química. Sobre esta experiência, ela declara:

me permitiu outras inúmeras aprendizagens, lembro de dois componentes curriculares: instrumentação e metodologias para o ensino de Ciências cada um tinha 60h, eu como pedagoga acompanhava todo desenvolvimento destes componentes e cada professor, de acordo com sua área de conhecimento: química; biologia; matemática e física se ocupavam de 20h, transformando em 80h aquilo que oficialmente era 60h, me instigava a abordagem de cada professor [Memorial].

O acompanhamento pedagógico dos professores que lecionavam Química, Física, Biologia e Matemática instigou a professora a compreender o ensino de Matemática a partir de um olhar interdisciplinar que repercutiu na impressão de uma carga horária maior e, principalmente, na aprendizagem tanto dos estudantes quanto sua. As memórias relativas ao ensino em cursos de formação de professores revelam que a experiência de observação, atenção e escuta sensível de outros professores “[...] não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Isso é o que explica a preferência da professora, dentre as áreas do conhecimento citadas, pelos saberes matemáticos na formação inicial das/os pedagogas/os para exercer a docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Seu interesse decorre das experiências ao ministrar o componente curricular Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática no Curso de Pedagogia da UFMA/Campus Dom Delgado, em São Luís/MA, no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e no Programa Especial de Formação de Professores para Educação Básica (PROEB), em vários municípios do oeste do estado (CRUZ, 2018).

Maria é uma professora em formação, ao tempo que forma professoras/es, é pesquisadora. Vida, formação, docência e pesquisa se imbrincam em sua história. É o que nos possibilita compreender que “não estamos apenas pesquisando, estamos nos formando com as professoras iniciantes e com os muitos sujeitos que habitam e transitam na escola, e nos (auto)formando” (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 9). O ideal de (auto)formação se torna explícito, quando a professora explica como desenvolve suas aulas nas licenciaturas.

Nesta perspectiva, no início de cada semestre as/os estudantes são convidadas a fazerem uma autobiografia da sua relação com a matemática no seu percurso da educação básica até a superior, muito nos preocupou as tensões e frustrações com esta Ciência, apresentadas por estes estudantes nos registros escritos, com um maior agravante: as possibilidades de transporem para as crianças estas relações negativas. Por acreditarmos que por meio da educação nos modificamos, e é possível modificar o outro, buscamos desenvolver práticas que ressignifique o ensino da matemática de maneira que possa garantir a estas estudantes possibilidades de desenvolverem práticas educativas nas quais as crianças vivenciem e aprendam a matemática pautadas nas tendências e metodologias atuais, assim apresentamos quatro situações que nos motivaram na definição deste objeto de estudo [Memorial].

O interesse de pesquisa de Maria provém de sua própria história de vida, das suas múltiplas experiências e reflexões com o ensino escolar, acadêmico e profissional. O que pressupõe um constante “reinventar a pesquisa sobre a formação docente a partir da voz, das experiências e saberes das professoras/es” [...] “produzidas em contextos de formação” (BRAGANÇA, 2018, p.72), tendo em mente que é “[...] essa face reflexiva, de autoformação ou de reinvenção de si, ligada à *arte de existir*, ao gesto de tomar a palavra para se apropriar da vida, refazendo-a” (PASSEGI, 2010, p.34). Sobre o próprio processo formativo, ela declara:

Desse modo, buscamos nos aprofundar nas sessões de leituras, pesquisas, debates durante as aulas e nos tornamos cursista nas formações continuadas para professores que ensinam matemática nos anos iniciais, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de São Luís, a decisão de fazer o curso, é a busca de uma maior aproximação com os professores que estão no atendimento direto aos alunos, com seus desafios diários, angústias pedagógicas-não saber com lidar com determinados conteúdos [Memorial].

Assim, a escolha pelo ensino de Matemática foi uma opção consciente e refletida devido suas percepções na docência, que ratificadas em minicursos de formação inicial de pedagogas/os e no acompanhamento do estágio em docência nos anos iniciais no Ensino Fundamental transfiguraram-se em objeto de estudo no doutorado (CRUZ, 2018).

As “[...] trajetórias narradas proporcionam a construção de sentido de uma vida” (ABRAHÃO, 2011, p. 167). Assim, mais do que simples recordações, como uma seleção ou um recorte do que foi mais significativo veiculado por emoções, as memórias apresentadas pela professora sobre a sua formação docente a consititem como pessoa, em suas próprias experiências de vida e formação. Nesse aspecto, o devir da professora adverte para a alteridade entre saberes e a esperança que devem permear o fazer, o ser, o pensar e o agir docente, pelo qual ela solicita:

ensinem as crianças a ter esperança do verbo esperar, esta esperança que vai à luta que não desiste, foi ela quem não me deixou desistir. Sobre não desistir, re-dimensionem suas posturas, não por mim, eu sou presente do passado na vida de

vocês, mas como cantou João do Vale “mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão que também foram meus colegas, e continuam no sertão, não puderam estudar e nem sabem fazer baião”. Não é que morar no campo seja absurdo, mas aquelas pessoas precisam ser respeitadas nas suas condições, e terem seus saberes respeitados, a escola não sabe mais que elas, elas como eu sabem de coisas que vocês não sabem, e isto é maravilhoso desde que se saiba valorizar. [Carta].

Finaliza com alguns conselhos profissionais:

sustentem as práticas pedagógicas da escola nas potencialidades das crianças e adolescentes, eles podem sonhar, podem lutar para serem médicos estudando nas universidades públicas, podem ser professores, dentistas, advogados, juízes, o que quiserem, eles só não podem e nem devem julgar as pessoas, desrespeitarem, serem preconceituosas por conta da sua cor de pele, condições socioeconômicas, geográficas e/ou orientação sexual. Esta é uma responsabilidade posta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, ao afirmar que a educação é para a vida e o mundo do trabalho, se vocês não tiverem por subsídio este entendimento, terá sido um engano, com claro objetivo: continuar o apagamento da população negra deste país, de modo que ela não possa nem esperar. [Carta].

Acreditar nas potencialidades das crianças conduz a educação a um modo diferente de ensinar e aprender, fazendo emergir e potencializar outras memórias, outros saberes, outras histórias de vida. Para isso, precisamos que os estudos sobre as histórias de vida e as memórias de professoras/es problematizem a morte do corpo presente no racismo; o epistemicídio do pensamento negro e afrodiaspórico no sistema educacional brasileiro; e, a morte da memória, decretada no longo processo de esquecer de si durante a colonização (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019) e pós-colonização, expandido-as em ideias-força-potência-criadora em processos educativos com Quebradeiras de coco-professoras-pesquisadoras pois “[...] não se sabe o que uma mente pode se tornar capaz de pensar, nem o que um corpo pode ao começar a mover-se” (YONEZAWA; SILVA, 2018, p. 13).

4 CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós.

Jean Paul Sartre

O ser para a docência inscreve marcas, produz e recebe afetos, deixa vestígios, fala sobre si a partir de suas memórias. A potência do pensamento da Profa. Maria se origina nas marcas do seu ser para a docência, em que recordar e (re)contar os ensinamentos da mãe, nesse ponto, significa manter um vínculo com quem a antecedeu na ancestralidade. A materialidade experienciada e evocada pela professora em sua narrativa dá a conhecer diferentes momentos de sua história, revelando os significados atribuídos por ela aos seus

saberes, pensamentos, valores, dores, conquistas e reflexões. São, portanto, vestígios que marcam sua trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica, que transitam de diferentes modos e temporalidades, ou seja, “[...] se constitui em um processo subjetivo e singular que, pelo seu caráter de particularidade, traduz-se em uma riqueza de possibilidades criadoras que o sujeito consegue inaugurar” (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 13).

Observamos que o memorial redigido pela professora apresenta elementos importantes para o ensino, pesquisa e formação de professoras/es, uma vez que “forma e conteúdo entrelaçam-se nessa busca de (re)conhecimento de si” (PASSEGI, 2010, p.26). Como ato de criação que é, promove a imersão no cotidiano vivido pela professora que projeta uma imagem de si para quem lê suas memórias ao passo que reconfigura-a para si mesma. Embora o memorial tenha sido redigido com a finalidade de ser um instrumento avaliativo, observamos que não há uma exaltação do *ego*, nem admissão de culpa, tempouco se restringe a uma visão parcial de si ou uma abstração utópica, mas a “[...] dimensão narrativa está explicitamente anunciada, já a dimensão (auto)biográfica e de *pesquisaformação* estão presentes pelo vivido”, em que Maria partilha fragmentos de sua história de vida e “[...] todos os envolvidos experimentaram um processo potencialmente (*trans*) *formador*” (BRAGANÇA, 2018, p. 71).

Ao afirmar “[...] eu sabia ciência porque eu sabia tirar azeite e ali é uma experiência científica” [Carta], ela rompe com um modo de fazer ciência que privilegia a mente em detrimento do corpo e que por ser eurocêntrico e positivista, silencia, oculta e subjuga saberes tradicionais das populações do campo – dentre eles, as pessoas Quebradeiras de coco – de seus desejos de viver, dos seus modos de compartilhar e das suas possibilidades de esperar. É isso que revelam as memórias de experiências vividas pela professora. Outrossim, Maria representa um coletivo de mulheres-mães que pelo suor e trabalho vêm uma de suas filhas alcançar a possibilidade de ascender socialmente, abrindo caminhos para tantas outras mulheres negras, pobres e Quebradeiras de coco, tonando-se, ela própria, um motivo para esperar. “Empoderar e humanizar”, nesse sentido, requer cuidado para com o outro, para com quem quer que seja. Ouvir o outro parece-nos um bom começo para repensar alternativas *teóricometodológicas* com vistas à formação e à pesquisa para o ensino de Matemática.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n.2, p.165-172, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8708> Acesso em 10 de agosto de 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ASSUNÇÃO, M. R. Cultura popular e sociedade regional no Maranhão no século XIX. *Revista de políticas públicas*, São Luís, v. 3, n.1, s/p, 1999. Disponível em <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3672>. Acesso em 11 de agosto de 2021.
- BERGSON, Henri. *Oeuvres, éditon du Centenaire*. Paris: PUF, 1991.
- BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZV-DxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 de agosto de 2021.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação (auto) biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: M. H. M. B. Abrahão, J. L. Cunha, & L. Villas Bôas (Orgs.). *Pesquisa (auto) biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018, p. 65-81.
- CARRAZZA, Luis Roberto. ÁVILA, João Carlos Cruz. SILVA, Mariane Lima da. *Aproveitamento integral do fruto e da folha do Babaçu (Attalea spp.)*. 2 ed. Brasília-DF: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2012.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CORREIA FILHO, F. L. *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão: relatório diagnóstico do município de Benedito Leite*. Teresina: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2011.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. 2000. Disponível em: http://www.cnm.org.br/dado_geral/ufmain.asp?ildUf=100121 Acesso em: 3 ago. 2021.
- D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças*. Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2008.
- GIRALDO, V. FERNANDES, F. S. (2019). Caravelas à Vista: Giros Decoloniais e Caminhos de Resistência na Formação de Professoras e Professores que Ensinam Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS*, Campo Grande, v. 12, n.30, p. 467-501, 17 jan. 2019. DOI <https://doi.org/10.46312/pem.v12i30.9620>. Disponível em: <https://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/9620>. Acesso em: 3 ago. 2021.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Sistema Nacional de Informação de Gênero – Análise dos resultados, 2010.

JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, 1999. DOI <https://doi.org/10.46312/pem.v12i30.9620>. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=92bd87b9-6764-4f49-959e-e66c9b5ef722> . Acesso em: 3 ago. 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. *Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.35819/tear.v3.n1.a1854>.. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MORAIS, J. de S.; BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisa formação narrativa (auto) biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. *Educar em Revista*, Curitiba/PR, v. 3, p.1-20, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.75612> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/TqzVDqkfbX3hb7HbhB9T3kw/> . Acesso em: 3 ago. 2021.

NOVAES, J.S.; ARAÚJO, H.F.A. Cartografia social na região ecológica do babaçu: estratégias de quebradeiras de coco e processos sociais atinentes aos babaçuais. *R. Pol. Públ. São Luís*, Número Especial, p. 179-188, 2016.

PESSANHA, E. A. M. PAZ, F. P. C., & SARAIVA, L. A. F. Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memória, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica. *Voluntas*, Santa Maria/RS, v. 10, p.110-127, 2019. DOI <https://doi.org/10.5902/2179378639949>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39949>. Acesso em: 3 ago. 2021.

PASSEGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: V. M. R. Cordeiro & E. C. Souza, (Orgs.). *Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura*. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 19-42.

RIBEIRO, Renato Janine. A Ética ou o fim do Mundo. *Organicom*. São Paulo, v. 5, n. 8, p. 161-169, 2008. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2008.138975>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138975>. Acesso em: 3 ago. 2021.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SPINOZA, Baruc. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

YONEZAWA, F. SILVA, F. H. O paralelismo corpo-mente em Spinoza: notações (im) pertinentes para a educação. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, p. 1-21, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844176074>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/n3byLVBmzJNdPRyCpF333Xs/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 3 ago. 2021.